

ALGUNS CONCEITOS EM SEMIÓTICA DISCURSIVA



SOME CONCEPTS IN DISCURSIVE SEMIOTICS

Karen Bernardo Viana¹
Rafael Martins Nogueira²

Resumo: Este artigo vem tratar de alguns conceitos-chaves para o estudo em uma teoria do discurso: texto, discurso, contexto e coerência. Conceitos como contexto e coerência, por exemplo, não são apresentados ao iniciante em semiótica. Esses, muitas vezes, são tratados como óbvios aos estudantes, causando certa curiosidade ou interesse. Portanto, o objetivo é esclarecer e introduzir esses conceitos, dando ao jovem pesquisador, clareza em como a semiótica discursiva, enquanto teoria do discurso, discute esses conceitos. O pressuposto teórico é a semiótica discursiva, cujos principais autores para esta pesquisa são Greimas e Courtés (2018), Barros (2002 e 2005), Fiorin (1995) e Bertrand (2003). A metodologia utilizada, de acordo com Gil (2002), é exploratória, descritiva e explicativa. Chegamos à conclusão de que o texto, enquanto um todo de significação, tem o discurso como seu plano de conteúdo. Haja vista tudo ser texto, vemos que o contexto seria somente um outro texto que conversa com outros textos. Já coerência seria uma negociação de isotopias figurativas ou temáticas.

Palavras-chave: semiótica discursiva; contexto; coerência.

Abstract: This article deals with some key concepts for the study of a theory of discourse: text, discourse, context and coherence. Concepts such as context and coherence, for example, are not introduced to semiotics beginners. These are often treated as obvious to students, causing some curiosity or interest. Therefore, the objective is to clarify and introduce these concepts, giving the young researcher clarity on how discursive semiotics, as a discourse theory, discusses these concepts. The theoretical assumption is discursive semiotics, whose main authors for this research are Greimas and Courtés (2018), Barros (2002 and 2005), Fiorin (1995) and Bertrand (2003). The methodology used, according to Gil (2002), is exploratory, descriptive and explanatory. We reached the conclusion that the text, as a whole of meaning, has discourse as its content plane. Since everything is text, we see that the context would be just another text that talks to other texts. Coherence, on the other hand, would be a negotiation of figurative or thematic isotopes.

Keywords: discursive semiotics; context; coherence.

¹ Mestra em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665558168668356>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0676-8438>. E-mail: karbviana@alu.ufc.br

² Mestre em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0897785674659201>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1499-0821>. E-mail: rafaelmnogueira@alu.ufc.br

Introdução

O ponto de partida da semiótica discursiva é a linguística estrutural iniciada pelo suíço Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística enquanto ciência. Algumas descobertas de Saussure são muito caras à semiótica discursiva, entre elas a noção de língua, as relações sintagmáticas e paradigmáticas e os conceitos de significante e significado. A língua é “um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2006, p. 66). Ou seja, é um sistema de signos que exprime ideias, conforme Mendes (2011). O signo é a união de uma imagem acústica com um conceito, melhor dizendo, de um significante e um significado.

Quanto às dicotomias, vemos que a primeira mostra que há um encadeamento linear, dada a impossibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. A segunda, também chamada de associativa, mostra que há associações entre os elementos, os quais podem ser substituídos uns pelos outros no encadeamento sintagmático. Por exemplo, a frase “o sorvete é amarelo” mostra um elemento após o outro, o que indica a relação sintagmática. A palavra sorvete poderia ser substituída pela palavra bolo ou até mesmo blusa, pois são todos substantivos, o que mostra uma relação associativa entre os termos, os quais podem se substituir na frase.

Outro elemento que também se destaca na obra póstuma de Saussure diz respeito ao próprio signo linguístico, visto que significante e significado são os formadores do signo. Este que é a união de um conceito com uma imagem acústica, sendo o conceito o significado e a imagem acústica o significante. A parte conceitual e sonora juntas adquirem um valor, que as distingue dos outros signos do sistema. O que importa são as diferenças que permitem distinguir um elemento de outro.

Um exemplo dado por Saussure é o do jogo de xadrez em que uma peça como o cavalo poderia ser substituída por qualquer outro objeto, mas continuaria tendo o mesmo valor dentro do sistema que o diferenciaria. Assim, no sistema do português brasileiro, cada elemento adquire seu valor por oposição aos demais elementos. Fonemas como /t/ e /d/ são distintos porque é possível distinguir “tato” de “dado”. Por outro lado, os sons que reconhecemos como /t/ e /tʃ/ não são dois elementos desse sistema, mas um só. Isto é, para o falante, tia como /tʃia/ ou como /tia/ apresentam um

único sentido e não criam uma oposição no sistema. São diferentes realizações de um mesmo signo. Ou seja, o que há na língua são diferenças ou oposições.

Além de Saussure, Louis Hjelmslev é o outro linguista, criador da glossemática, cuja teoria muito fundamenta a semiótica discursiva. Ele pretende apreender as premissas puramente formais da linguagem. Hjelmslev reformula a teoria saussuriana, tratando não mais de significante e significado, mas sim sobre plano da expressão e plano do conteúdo. Segundo Mendes (2011), Saussure define significante e significado substancialmente, não formalmente, o que diferirá de Hjelmslev, o qual dirá que tal definição se dá pela forma, não pela substância. Isso acontece porque a forma, ao recortar o sentido – os quais são as impressões, sensações e percepções dos seres humanos, dá origem à substância. Os conceitos de conteúdo e expressão, assim como forma e substância são, entre outros, essenciais para a semiótica discursiva³.

A partir desses dois autores, então, em 1966, com a publicação do livro *Semântica estrutural*, do linguista lituano Algirdas Julien Greimas, são lançadas as bases para o que seria, posteriormente, conhecido como semiótica discursiva. Ao perceber que os textos têm uma estruturação própria, o autor passa a procurar descrever e explicar os mecanismos que engendram os sentidos dos textos. Assim, surge a semiótica discursiva.

Vemos, então, que a semiótica, por sua base estrutural, ao tratar da significação, o fará também de forma estrutural. Contudo, enquanto uma teoria do discurso, conceitos como texto, discurso, contexto e coerência, semelhantemente tratados por teorias como *Linguística textual* e *Análise do discurso*, são também discutidos em semiótica. Destarte, este artigo surge para apresentar algumas concepções para o jovem pesquisador ou estudante que se inicia no estudo das teorias do discurso, mais especificamente, na semiótica discursiva.

Entendemos que já existem escritos com essas noções expressas. Contudo, são esparsas e, muitas vezes, sua linguagem e construções textuais se apresentam tão especializadas que nos perguntamos em que lugar estão os artigos com conceitos bases para o jovem pesquisador que ainda “engatinha” na teoria. Dessa forma, este artigo surge para suprir esse vazio e esperamos apresentar noções que frequentemente surgem quando se estuda discurso. Avisamos de antemão que o leitor deve se ater às

³ Saussure (2006) e Hjelmslev (1975) são leituras recomendadas para o entendimento das bases da semiótica discursiva.

notas, pois elas serão fundamentais para um aprofundamento da teoria, haja vista nossas recomendações de leitura.

A fim de atingirmos nossos objetivos, dividimos este texto em seis partes: a primeira, essa pequena introdução; a segunda, a noção de texto; a terceira, a noção de discurso; a quarta, a noção de contexto; a quinta, a noção de coerência e a sexta, uma conclusão, a qual fará um apanhado geral dos conceitos discutidos.

Texto

Barros (2002) diz que o objeto de estudo da semiótica é o texto. A teoria procura descrever e explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2002, p. 11). A disciplina, entretanto, chama-se semiótica discursiva. Não seria o objeto de estudo o discurso, então? Essa pergunta será respondida na medida em que determinarmos o que é texto e o que é discurso.

Texto, conforme Fiorin (1995) e Barros (2002), é um todo de significação. O que isso quer dizer? Quer dizer que o texto carrega em si mesmo tudo que é necessário para significar algo. Isto é, o texto já é estruturado, de maneira a não precisarmos olhar fora dele para darmos “sentido” ou significação⁴ às coisas. Lembremo-nos de que as raízes saussurianas e hjelmslevianas levam a semiótica a uma análise estrutural da significação. Segundo Barros (2005), atribui-se a esse tipo de descrição uma análise interna ou estrutural do texto. Pode-se acusar, então, a semiótica de não considerar a sociedade ou a história. Isso porque se dizemos que o texto já contém tudo, logo nos recusamos a afirmar que o contexto sócio-histórico lhe atribui alguma significação. Não devemos nos esquecer, entretanto, que o texto só pode ser concebido na dualidade: tanto como objeto de significação, quanto como objeto de comunicação. Dessa forma, a semiótica, mesmo com uma base estrutural, ao se preocupar com as questões enunciativas, trata também dos mecanismos de produção e de recepção dos textos, ou seja, o texto como objeto de comunicação.

Ora, o leitor pode se perguntar se considerar as questões enunciativas não seria contraditório para uma teoria que se considera estrutural. A resposta é não, pois, como

⁴ Sentido e significação são usados como verbetes sinônimos. Contudo, conforme Greimas e Courtés (2018), são conceitos diferentes e o leitor deve se ater a isso.

já nos lembra Saraiva (2012), Greimas se ocupa da interdependência entre sistema e processo, como Hjelmslev postulou. A enunciação é concebida como um “ato mediador entre o sistema social da língua e sua discursivização particular” (SARAIVA, 2012, p. 65). Ou seja, para tratar o texto (processo), é necessário se considerar o enunciador que transformou a língua (sistema) em texto. Esse enunciador mostra em seu texto as marcas sócio-históricas. Porém, deixamos para discutir melhor isso quando falarmos sobre o discurso. O que devemos considerar aqui é que o texto, sendo considerado um objeto de comunicação, não deixa de ser um todo de significação. A semiótica parece dizer: a comunicação se revelará no texto e pelo texto. Este já traz em si as marcas culturais e sócio-históricas, de maneira que não precisamos procurar fora dele algo que lhe faça sentido.

Em semiótica, metodologicamente, o texto é visto sob a forma de um percurso gerativo, o qual vai do mais simples ao mais abstrato (níveis fundamental, narrativo e discursivo). Cada parte tem uma gramática autônoma, embora o sentido dependa da relação entre os níveis⁵. É através dessa proposta metodológica que a semiótica distinguirá texto e discurso. O discurso seria a última etapa do percurso. Os níveis fundamental e narrativo, através da enunciação, são discursivizados, ganhando, assim, uma conotação social e histórica. O discurso, então, é parte do texto; faz parte de seu plano do conteúdo. O texto, por sua vez, tem conteúdo e expressão. O texto seria a manifestação do discurso, seja essa manifestação verbal, visual ou verbo-visual. Isto é, um quadro de Picasso e um poema de Drummond são textos diferentes, mas podem ser estudados por seu conteúdo. Por isso, Fiorin (1995) diz que a semiótica é uma teoria geral, haja vista o conteúdo poder ser analisado separadamente da expressão. Primeiramente, se analisa o conteúdo independente da manifestação e depois se estuda a expressão e sua relação com o significado.

O que podemos concluir sobre o texto? O texto é a união de conteúdo e expressão, sendo também um todo de significação por já conter tudo que lhe é necessário para significar. A semiótica discursiva, entretanto, lida prioritariamente com o conteúdo; seu próprio método atesta, através de sua metalinguagem, que se trata do plano do conteúdo. Por isso, a teoria se chama semiótica discursiva, não textual. Mas, ao não deixar de fora o plano da expressão, passa a ter o texto como objeto de estudo, não só o

⁵ Recomendamos ao leitor a leitura de manuais introdutórios de semiótica, como Barros (2002 e 2005) e Fiorin (2008), a fim de uma melhor compreensão sobre o percurso gerativo do sentido.

discurso. O interessante é que por não haver expressão sem conteúdo e vice-versa, como já postulava Hjelmslev, é que as teorias do discurso tratam também do texto. Por isso, muitas vezes vemos discurso e texto tornados sinônimos em alguns artigos ou textos acadêmicos. Assim, a teoria se chama discursiva, mas não poderíamos negá-la do título de semiótica textual.

Discurso

Ao falarmos sobre texto, acabamos por ter uma breve noção do que seria o discurso. Como vimos, este se encontra dentro do texto, sendo a última etapa do percurso gerativo. Não há como falar de discurso, porém, sem explorarmos um pouco de enunciação. Isso porque a enunciação é a instância que produz o discurso.

Existe um sujeito, o qual poderíamos chamar de sujeito da enunciação. Ele, mais do que assegurar a passagem do estado virtual ao estado atual da linguagem, é o “lugar em que se encontra armado o conjunto de mecanismos da colocação da língua em discurso” (GREIMAS, 1976, p. 11). Esse sujeito, em semiótica, não é um ser humano; o ser como real. Lembremo-nos de que a semiótica se esquia de debater sobre o real, deixando essa discussão para o filósofo. Esse sujeito enunciativo seria resultante de análise. Ou seja, através da análise de um determinado discurso “construímos” o sujeito que o enunciou. Por exemplo, o enunciado “Mulheres grávidas não deveriam trabalhar”. Se em uma análise semiótica chegássemos à conclusão de que esse sujeito enunciativo é misógino, não estaríamos falando do ser humano que falou. Como podemos afirmar que esse ser humano é misógino? Talvez ele seja, talvez não. Só podemos fazer uma análise linguística do enunciado, de forma que falar sobre intenções e psicologia seria ultrapassar a epistemologia da teoria.

Apesar de a enunciação garantir a discursivização dos níveis fundamental e narrativo, quando falamos de discurso em semiótica, a enunciação é abordada, principalmente, na sintaxe do nível discursivo. Ora, falamos que cada nível tem uma gramática autônoma. Isso implica dizer que cada nível tem uma sintaxe e uma semântica. A sintaxe discursiva explora, principalmente, o que é enunciação e como o enunciador manipula o enunciatário para tornar seu texto mais objetivo ou subjetivo, assim como tornar seu texto mais verdadeiro ou mentiroso, por exemplo. Já a semântica

discursiva explora como o discurso se “concretiza”, ou seja, como o discurso remeterá à semiótica do mundo natural e cultural. Por isso, é na semântica discursiva que vemos manifestadas as ideologias e implicações sócio-históricas.

De maneira sucinta, podemos dizer que a enunciação marca pessoa, tempo e espaço: qual pessoa do discurso, em qual tempo e qual espaço. O enunciado ou discurso, enquanto produto da enunciação, irá se referir à instância da enunciação através de pronomes pessoais, adjetivos, marcas temporais e advérbios de lugar, por exemplo. Os mecanismos que permitem a instauração de pessoa, tempo e espaço são dois: *debreagem* e *embreagem*. *Debreagem* seria a projeção da enunciação sobre o enunciado, mostrando os elementos fundadores do enunciado. Tomemos o seguinte enunciado como exemplo: “Ana amava Vitória”. Nesse enunciado, vemos a terceira pessoa do singular, Ana, o que dá o efeito de sentido de objetividade; o verbo amar no passado indica que essa paixão é anterior ao momento em que o sujeito da enunciação “falou”. Já a *embreagem* seria um efeito de retorno à enunciação, porque se neutraliza ou a pessoa, ou o tempo, ou o espaço. Por exemplo, um presidente diz: “o presidente sancionará a lei”, vemos que se instala a terceira pessoa, o presidente, mas quem fala é o próprio presidente, logo, um eu, primeira pessoa. A *debreagem* antecede a *embreagem*, mas o enunciado, ao apresentar outra pessoa que não a da *debreagem*, neutraliza a categoria de pessoa⁶. Esses mecanismos revelam efeitos de sentidos diversos, como tornar o discurso mais objetivo ou subjetivo, entre outros.

A semântica discursiva é o adensamento das informações e operações vistas nos níveis fundamental e narrativo. É na semântica que podemos ver com maior clareza as ideologias e a cultura, através da figurativização e tematização. A figurativização é a maneira de encontrar a relação entre um conteúdo dado e um correspondente na expressão da semiótica do mundo natural. Ou seja, o mundo que se considera real ou mundo da percepção, em semiótica discursiva, também tem um plano da expressão e um plano do conteúdo. Isso porque ao percebermos o mundo nós o discursivizamos. Uma conversa entre semióticas, essa é a maneira de a semiótica discursiva lidar com a referência.

As figuras, ao serem lançadas em discurso, mostram um universo cultural determinado, em que alguns traços são incluídos e outros excluídos. Quanto mais traços

⁶ A leitura de Fiorin (2016) é de fundamental importância para um melhor entendimento e aprofundamento sobre a sintaxe discursiva.

uma figura tem, mais densa semanticamente ela é; quanto menos traços, mais tematizada ela é. Por exemplo, o verbete sagrado é por demais generalizado, contém poucos traços/semas, por isso seria um tema. Em contraposição a figuras como padre e sacristão que são mais densas e por isso figurativas. Veja o leitor, no entanto, que o tema sagrado nos remete diretamente a questões teológicas, revelando a que grupo cultural a figura pertence. Assim, um enunciado como “A indústria deve ter liberdade” ao colocar figuras como indústria que remete a temas como finanças, o verbo dever, indicando obrigatoriedade e liberdade, como tema que remete, entre outras modalidades, a um /poder ser/ indicam uma ideologia capitalista, em que a liberdade financeira seria uma obrigação. Dessarte, as marcas culturais e ideológicas se manifestam no texto sem precisarmos procurar algo que lhe seja exterior, como dito na seção sobre texto⁷.

Contexto

O texto é um todo de significação, o qual já tem tudo que é necessário para sua significação. Baseado nessa definição podemos nos perguntar como a semiótica discursiva analisa a seguinte situação: um professor conversa com outros dois professores e diz que reprovará todos os alunos. No entanto, ele fala isso com um pequeno sorriso nos lábios e pisca um dos olhos após dizer isso. Perceba que, nessa situação, o sorriso e os piscar de olhos, os quais indicam que a sentença dita é, na verdade, uma brincadeira que agrega significado ao enunciado. Outras teorias do discurso, como a pragmática e a análise do discurso, chamariam isso de contexto ou condições de produção. A semiótica, entretanto, defende o preceito greimasiano de que “todo o texto, somente o texto, nada fora do texto” (GREIMAS, 1974, p. 31). Isso quer dizer que a teoria entende que todos os objetos semióticos são textos. Dessa forma, o sorriso e o piscar de olhos fariam parte de uma semiótica gestual, sendo também um texto, o qual conversaria com o texto enunciado.

Essa é uma noção geral. Vejamos como o verbete contexto aparece em Greimas e Courtés (2018, p. 97): “Chama-se contexto o conjunto do texto que precede e/ou acompanha a unidade sintagmática considerada e do qual depende a significação”. Observe que os pesquisadores afirmam “do texto”, não de um texto. Isto é, há um texto

⁷ Bertrand (2003) e Shimoda (2020) são recomendações de leitura sobre a semântica discursiva.

específico, em que uma parte dele é o contexto e a outra parte é a unidade sintagmática, a qual tem sua significação completada pela parte anterior. Se tomarmos o exemplo citado mais acima, veremos que o sorriso e o piscar de olhos são uma parte do texto; já a outra parte seria o enunciado pronunciado pelo professor. As duas partes seriam textos menores, que constituem um texto maior. Daí dizermos que tudo é texto e não falarmos sobre contexto em semiótica.

Barros (2002) chegará a essa mesma conclusão. Contudo, a autora segue um caminho analítico diferente. A autora narrativiza a enunciação. Há um destinador manipulador, responsável pelos valores e competência do sujeito da enunciação. Esse manipulador é a própria história e sociedade. O sujeito da enunciação, simplesmente, cumpre o contrato proposto ao produzir o discurso. Aquele que recebe o discurso seria o destinador julgador. Assim, quando o manipulador do sujeito da enunciação é determinado, os sentidos do texto e suas formações ideológicas são desvendados. Mas, como esse manipulador é determinado? Através dos textos produzidos pelo sujeito da enunciação ou, como Barros (2005, p. 141) afirma, através dos “textos que formam o contexto do discurso em questão”. O contexto, para a autora, é um texto maior, uma totalidade de significação, no interior do qual cada texto cobra sentido.

É preciso, porém, delimitar o contexto. Este será delimitado na definição de classes sociais, porquanto são a estrutura e as relações de dominação que determinarão quais valores são veiculados pelos textos. Através de conceitos de estudiosos como Poulantzas, Lukács e Singer, a pesquisadora chega à conclusão de que as classes sociais se organizam através de relações de dominação. Essas relações se dão por meio de textos, de maneira que apreendemos as relações sociais das estruturas que as definem por meio de textos. Novamente, então, chegamos à consideração de que o contexto é um texto ou vários textos que conversam com outros textos para formar um texto maior, o qual é o todo de significação. Logo, o contexto se resume a uma conversa entre textos, ou melhor dizendo, a uma intertextualidade.

Coerência

Se olharmos para a Linguística textual, teoria que se destina a estudar, entre outras coisas, a coerência textual, veremos que a coerência é definida como aquilo que faz com que o texto faça sentido para os usuários, como uma condição de

interpretabilidade do texto, conforme Koch e Travaglia (1993). Entretanto, sempre se fala de elementos extralinguísticos para agregar significação ao enunciado e, assim, o texto ter coerência. Nós já sabemos que em semiótica não se fala em elementos extralinguísticos, haja vista tudo ser texto. Contudo, como garantir a interpretabilidade do texto?

Bertrand (2003, p. 185) dirá que “as grandes regras de coerência textual se apoiam na repetição e progressão”. A repetição e a progressão, em semiótica, ficam a cargo da isotopia. Esta é a iteração de semas ao longo de uma cadeia sintagmática. O que são semas? São as unidades mínimas de significação. O leitor que já esteja familiarizado com o percurso gerativo do sentido há de lembrar que, no nível fundamental, o quadrado semiótico é um universo de significação básico constituído de oposições fundamentais. Por exemplo, alto vs baixo e vida vs morte. Cada elemento da oposição seria um sema, como alto ou vida. Esses semas são figurativizados e tematizados na semântica discursiva. Dessa forma, apesar de ser uma iteração de semas, veremos uma iteração de figuras e temas.

A isotopia “assegura a repetição, pela recorrência, dos elementos semânticos que se repetem de uma frase a outra, garantindo a continuidade figurativa e temática do texto” (BERTRAND, 2003, s/p). Há dois tipos de isotopia: figurativa e temática. A primeira é mais “concreta” e concerne, antes de mais nada, aos atores, ao espaço e ao tempo; já a segunda é mais abstrata, sendo estabelecida a partir da superfície figurativa. Por exemplo, uma receita de cozinha tem uma isotopia, principalmente, figurativa e um poema simbolista, uma isotopia, principalmente, temática. Vejamos como a isotopia é percebida em um pequeno texto:

Uma raposa passou embaixo de um pé carregado com lindas uvas. Ficou com muita vontade de comer aquelas uvas. Deu muitos saltos, tentou subir na parreira, mas não conseguiu. Depois de muito tentar foi-se embora, dizendo: — Eu nem estou ligando para as uvas. Elas estão verdes, mesmo. (Autor desconhecido).

Através das figuras “um pé”, “uvas”, “comer” e “parreira” surgem uma isotopia figurativa culinária. Já “muita vontade”, “muitos saltos” e “tentar” são figuras que indicam uma isotopia figurativa de força ou tentativa. Essas duas isotopias, entre outras, recobrem a isotopia temática da frustração. Esse pequeno exemplo não só mostra como

encontramos isotopias, como também indica que a isotopia também é responsável pela interpretação que o analista propõe.

Além disso, a isotopia garante a existência de leituras plurais do texto, em que um sujeito escolhe um núcleo isotopante e outro sujeito escolhe outro núcleo. Por exemplo, a famosa frase de Chomsky (1957, s/p) “As ideias verdes incolores dormem furiosamente”⁸. Um sujeito poderia tomar como núcleo isotopante /política/ e interpretar a sentença da seguinte forma: “ideias verdes” são opiniões de ecologistas, “incolores” indicam sem filiação partidária, “dormem”, informações ocultadas, e “furiosamente” como uma revolta entre os defensores. Outro sujeito poderia dizer, entretanto, que não há isotopia, por isso a sentença é incoerente. Observe que a escolha da isotopia garantiu que todos os elementos estivessem associados à elaboração semântica da interpretação. Assim também, na nossa análise, a escolha da isotopia ‘frustração’ garantiu a coerência da análise.

Não se trata, contudo, de uma livre escolha do sujeito. É necessário que haja semas que concordem com as isotopias escolhidas. Mas, mais que isso, a coerência, e por conseguinte, a condição de interpretabilidade, funda-se em um espaço de negociação de isotopias, em que umas são aceitas pelos sujeitos e outras não. Dessa forma, a sentença de Chomsky pode ser considerada sem isotopia por alguns sujeitos, mas com uma leitura isotópica por outros. A negociação entre os sujeitos, explicando o porquê de o texto ser considerado coerente ou não e suas decisões, é que constitui a coerência. Trata-se, portanto, de “um espaço fiduciário subjacente à leitura” (BERTRAND, 2003, s/p).

Considerações Finais

A semiótica discursiva ao fincar suas bases em Saussure e Hjelmslev se propôs a estudar o texto de uma forma estrutural. Assim, considerá-lo como um todo de significação é garantir que discurso, contexto e coerência sejam vistos como manifestados no texto sem que se recorra a qualquer elemento que seja extralinguístico. O extralinguístico, aliás, é algo que se questiona, haja vista tudo ser uma semiótica, seja o mundo natural, seja a cultura.

⁸ No original: “Colorless green ideas sleep furiously” (tradução nossa). In.: Noam Chomsky. *Syntactic Structures*. Mouton, The Hague, 1957.

O texto, então, ao se constituir de expressão e conteúdo, passa não só a se diferenciar de discurso, o qual é somente o conteúdo, como também a constituir uma semiótica que conversa com outras semióticas. O contexto remete justamente a essa conversa, pois é somente uma semiótica ou texto com o qual um outro texto se relaciona para significar. Esses dois textos constituem um texto maior. Esse texto maior seria o todo de significação que a semiótica toma como objeto.

O discurso, enquanto plano do conteúdo do texto, está intimamente relacionado à enunciação. Logo, entendermos os mecanismos enunciativos e como o enunciador constrói seu discurso, assim como a sintaxe e semântica é entendermos também quais ideologias e culturas são veiculadas pelos textos.

Por último a coerência, a qual requer que entendamos a semântica discursiva (figuras e temas) para que vejamos como a repetição de figuras e temas garantem que o texto seja coerente. Essa repetição, que constitui uma isotopia, apesar de ser vista no texto, depende também dos receptores ou analistas, porquanto as isotopias escolhidas são negociadas e aceitas.

Esses quatro conceitos apresentados de forma introdutória garantem que o leitor saiba como situar cada fenômeno discutido em semiótica, de maneira que possamos ver que falamos de contexto e coerência, por exemplo, na teoria, não de forma direta. Eles são tratados, mas recebem uma metalinguagem diferente, de forma a garantir que não se fuja de sua filiação linguística.

Este artigo teve como intento enunciar que a discussão sobre esses conceitos apresentados não são sempre de fácil localização por parte dos semioticistas em iniciação. Faz-se a ressalva que, dado o espaço limitado do artigo, causa-se a impressão de um andamento acelerado na argumentação, o que é compreensível pelo fato de cada conceito demandar um artigo inteiro de reflexão. De fato, é um grande desafio resumir em poucas linhas a contribuição ao pensamento da obra complexa de dois pensadores da envergadura de Saussure e Hjelmslev. Nesse ponto, salientamos mais explicitamente que se está apresentando alguns aspectos pertinentes à questão de conceitos centrais, em detrimento de outros.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusp, 2003.
- FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, 39, p. 23-44, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3968>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, tempo e espaço**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Rio Grande do Sul, n. 23, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29370>. Acesso em: 24 out. 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien. L'énonciation: une posture épistémologique. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, Ribeirão Preto, n. 1, p. 9-25, 1974, DOI: 10.11606/issn.2316-7114. sig. 1974.90115.
- GREIMAS, Algirdas Julian; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Trad.: vários tradutores. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- MENDES, Moreira Conrado. Da linguística estrutural à Semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, Mato Grosso do Sul, n. 9, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/975>. Acesso em: 25 out. 2021
- SARAIVA, José Américo Bezerra. **A identidade de um percurso e o percurso de uma identidade: um estudo semiótico das canções do pessoal do Ceará**. Fortaleza: EDUFC, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SHIMODA, Lucas Takeo. **Por um estudo semiótico do timbre na fala, na canção e na música**. 2020. 221f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2020.

Submetido em 25 de outubro de 2021.

Aceito em 18 de dezembro de 2021.